

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Matheus da Silva Wansovis

**RELAÇÕES RACIAIS E A PRÁTICA PROFISSIONAL: a
percepção de psicólogos sobre sua atuação em
relações raciais**

Taubaté – SP

2020

Matheus da Silva Wansovis

**RELAÇÕES RACIAIS E A PRÁTICA PROFISSIONAL: a
percepção de psicólogos sobre sua atuação em
relações raciais**

Trabalho de Graduação apresentado
como requisito parcial para conclusão
do curso de Psicologia na
Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Ma. Monique
Marques da Costa Godoy.

Taubaté – SP

2020

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

W251r Wansovis, Matheus da Silva
Relações raciais e a prática profissional : a percepção de psicólogos sobre sua atuação em relações raciais / Matheus da Silva Wansovis. -- 2020.
60 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Ma. Monique Marques da Costa Godoy,
Departamento de Psicologia.

1. Relações raciais. 2. Racismo. 3. Preconceito racial. 4.
Psicologia. 5. Prática profissional. Departamento de Psicologia.
Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 303.385

MATHEUS DA SILVA WANSOVIS

RELAÇÕES RACIAIS E A PRÁTICA PROFISSIONAL: a percepção de psicólogos sobre sua atuação em relações raciais

Trabalho de Graduação apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Monique Marques da Costa Godoy

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Profa. Dra. Ana Cristina Araújo do Nascimento

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Dr. Paulo Roberto Grangeiro Rodrigues

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

AGRADECIMENTO

A princípio agradeço a Deus por me capacitar e dar forças para chegar até aqui. Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram na minha caminhada. Primeiramente aos meus pais, meus irmãos e minha namorada, que me deram todo o suporte e incentivo necessário para conseguir concluir o curso do qual eu sempre sonhei.

Agradeço a todos os professores, Mestres e Doutores da Universidade de Taubaté, que durante os cinco anos de graduação não mediram esforços para transmitir todos os seus conhecimentos e experiências que enriqueceram minha bagagem de aprendizado. Agradeço em especial a minha orientadora Profa. Ma. Monique Marques da Costa Godoy, que desde o início do meu projeto acreditou na minha capacidade e na importância da discussão do tema proposto, não medindo esforços para contribuir na conclusão deste trabalho.

Minha gratidão ao Prof. Dr. Paulo Rodrigues Grangeiro Rodrigues e a Profa. Dra. Ana Cristina Araújo do Nascimento, que sempre foram referência de profissionalismo. Agradeço pela leitura do meu trabalho, pelas contribuições feitas, e pela composição da minha Banca.

Por último e não menos importante, obrigado aos meus amigos e colegas de curso, por terem enriquecido meu aprendizado. Foi um grande prazer, juntos termos conseguido concluir a graduação.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo conhecer as práticas e dificuldades do Psicólogo em trabalhar relações raciais trazidas por seus clientes. O estudo investigou como o psicólogo entende o racismo, visto que este, se encontra presente na sociedade brasileira desde os primórdios da história do país. E como o psicólogo entende e trabalha essa demanda com seu cliente. A partir de leituras sobre o preconceito racial no Brasil, e a relação do psicólogo frente a esse tema, foi realizada uma pesquisa de campo com uma abordagem quantitativa, cujo instrumento foi um questionário online aplicado em uma amostra de sessenta participantes dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. O instrumento abordou os seguintes temas: a percepção de psicólogos sobre sua atuação em relações raciais, seus sentimentos e reações diante do tema e o seu preparo acadêmico-científico para atuar com este tema. Os resultados receberam tratamento estatístico de distribuição de frequência e qui-quadrado. Encontrou-se diferenças estatísticas significantes com relação ao tipo de universidade, tempo de formação e presença de discussões sobre o racismo nas aulas, o que corrobora com as dificuldades relatadas pelos participantes ao atenderem usuários com queixas referentes às relações raciais. Assim, os principais resultados encontrados referem-se ao fato de que acontecem situações de racismo e injúria racial dentro do ambiente de trabalho do psicólogo, independentemente da cor do profissional ou de seus usuários, no entanto, o preparo do profissional de psicologia para atuar com as relações raciais ainda é precário, indicando os efeitos do racismo estrutural na formação dos profissionais. Com os resultados levantados, pode-se compreender vivências, dificuldades e o preparo de psicólogos perante manifestações sobre as relações raciais por seus clientes.

Palavras-chave: Relações raciais. Racismo. Preconceito racial. Psicologia. Prática Profissional.

ABSTRACT

RATIONAL RELATIONS AND PROFESSIONAL PRACTICE: the perception of psychologists about their performance in racial relations

This research aimed to know the practices and difficulties of the Psychologist in working with racial relations brought by his clients. The study investigated how the psychologist understands racism, since it has been present in Brazilian society since the beginning of the country's history. And how the psychologist understands and works this demand with his client. Based on readings about racial prejudice in Brazil, and the relationship between the psychologist and this theme, a field research was conducted with a quantitative approach, the instrument of which was an online questionnaire applied to a sample of sixty participants from the states of São Paulo and Minas Gerais. The instrument approached the following themes: the perception of psychologists about their performance in racial relations, their feelings and reactions to the theme, and their academic-scientific preparation to act with this theme. The results received statistical treatment of frequency and chi-square distribution. Significant statistical differences were found in relation to the type of university, time of formation, and presence of discussions on racism in the classes, which corroborates the difficulties reported by the participants in attending users with complaints regarding racial relations. Thus, the main results found refer to the fact that situations of racism and racial insult occur within the work environment of the psychologist regardless of the color of the professional or of its users, however, the preparation of the psychology professional to act with racial relations is still precarious, indicating the effects of structural racism on the training of professionals. With the results raised, one can understand experiences, difficulties and the preparation of psychologists before manifestations of racial relations by their clients.

Keywords: Racial relations. Racism. Racial precept. Psychology. Professional Practice.

LISTA DE TABELA

Tabela 1:	Gênero dos participantes.....	26
Tabela 2:	Cor dos participantes.....	27
Tabela 3:	Tipo de instituição.....	28
Tabela 4:	Tempo de formação dos participantes.....	29
Tabela 5:	Formação acadêmica.....	29
Tabela 6:	Discussões sobre racismo durante a formação acadêmica.....	30
Tabela 7:	Disciplinas que discutiram racismo.....	32
Tabela 8:	Experiências com relações raciais nos estágios.....	33
Tabela 9:	Domínio sobre relações raciais apenas com a graduação.....	34
Tabela 10:	Vivenciou/presenciou sobre racismo.....	35
Tabela 11:	Relações raciais no ambiente de trabalho.....	36
Tabela 12:	Como relações raciais são abordadas.....	37
Tabela 13:	Cor dos usuários dos serviços.....	38
Tabela 14:	Cor dos usuários que relatam sobre relações raciais.....	39
Tabela 15:	Questões envolvendo relações raciais.....	40
Tabela 16:	Como se sente em relação a mesma cor da pele.....	41
Tabela 17:	Como se sente em relação a cor da pele diferente.....	41
Tabela 18:	Reação dos usuários durante relatos de racismo.....	42
Tabela 19:	Reação do profissional diante de relatos de racismo dos usuários.....	42
Tabela 20:	Atender demanda sem estudo específico.....	43

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1:	Discussões sobre racismo e tempo de formação.....	31
Gráfico 2:	Discussões sobre racismo nas universidades.....	31
Gráfico 3:	Discussões raciais no ambiente de trabalho X cor do psicólogo.....	36
Gráfico 4:	Discussões raciais no ambiente de trabalho X cor predominante do usuário.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	PROBLEMA.....	10
1.2	OBJETIVOS.....	10
1.2.1	Objetivo Geral	10
1.2.2	Objetivos Específicos	10
1.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	11
1.4	RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	11
1.5	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE GRADUAÇÃO.....	12
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	RELAÇÕES RACIAIS: RACISMO INSTITUCIONAL, INTERPESSOAL E RACISMO INTERNALIZADO.....	13
2.2	A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO PARA ATUAÇÃO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO.....	16
2.3	O PAPEL DO PSICÓLOGO FRENTE AS RELAÇÕES RACIAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS	19
3	MÉTODO	22
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	22
3.2	LOCAL DA PESQUISA.....	23
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	23
3.4	INSTRUMENTOS.....	23
3.5	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	24
3.6	PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	52
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	57
	ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIAL DO COMITÊ DE ÉTICA	59

1 INTRODUÇÃO

Preconceito racial é toda e qualquer forma de expressão que discrimina uma etnia ou cultura por considerá-la inferior ou menos capaz, e pode gerar inúmeras consequências na vida de um indivíduo desde a infância até a vida adulta. Designado de racismo ou preconceito de raça, o preconceito racial já existe, não só no Brasil, mas na humanidade há muito tempo (NUNES, 2006).

Lopes (2005) afirma que o preconceito não é herdado geneticamente. É através da interação social com seus pares, na família, na religião, no trabalho e escola, por exemplo, que sentimentos de preconceito e maneiras de praticar a discriminação se desenvolvem. Pode-se também aprender a ou tornar-se preconceituosos discriminadores em relação a povos e nações.

O racismo no Brasil teve início com a colonização portuguesa. Os primeiros a sofrerem preconceito por conta de sua etnia foram os índios nativos que habitavam as terras brasileiras. Esses índios, também escravizados foram considerados como inferiores e inclusive incapazes de desempenhar certas tarefas braçais que os portugueses necessitavam, uma vez que, eles eram acostumados a fazerem apenas atividades para sua sobrevivência. Foi então que em meados do século XVI, os colonizadores decidiram buscar negros africanos, considerados fisicamente mais fortes. Eles eram submetidos ao uso de sua força física, e obrigados a viverem de maneira desumana em outro continente, convivendo com outros negros de culturas e línguas diferentes, causando a perda de sua identidade. A relação com os escravos nessa época é muito óbvia e cruel, pois eram vistos e tratados como mercadoria pelos “proprietários”, portanto, eram alugados, vendidos, comprados, como ferramentas e bens materiais. (SANT’ANA, 2005, NUNES, 2006)

Em 13 de maio de 1888, deu-se a abolição da escravatura, o que teoricamente os deixaria livres e em condições de viverem livres, mas, no entanto, não foi assim que aconteceu. Mudou-se as aparências frente ao escravismo, porém na essência das relações sociais nada se modificou. O Estado sempre foi inábil em relação à situação do negro “liberto” não se preocupando em inseri-los na sociedade como cidadãos ativos socialmente e passíveis de direitos. A naturalização da discriminação e da humilhação vivida pelos negros, são reduzidas à culpa deles mesmos, como se

carregassem um fardo da culpa de ter nascido afrodescendente. Não aconteceu uma justa cidadania para os negros depois da abolição, e, atualmente ainda existe uma luta constante em uma sociedade em que a desigualdade racial é enraizada (NUNES, 2006).

O racismo não é uma produção biológica, e sim construída socialmente, ideológica. Causando um efeito intersubjetivo, dificultando o desenvolvimento pleno de pessoas e grupos. Cabe à Psicologia, sendo a ciência da subjetividade humana, prover aporte consistente para explicar os efeitos psíquicos do racismo nas relações humanas e desenvolvimento de estratégias no combate ao racismo (MADER, 2016).

1.1 PROBLEMA

Quais as vivências e dificuldades enfrentadas na atuação prática do psicólogo (a) no que diz respeito às relações raciais apresentadas por seus clientes?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender vivências e dificuldades de psicólogos (as) perante manifestações das relações raciais por clientes usuários de seus serviços.

1.2.2 Objetivos Específicos

Identificar e analisar:

- o conhecimento e preparo do psicólogo (a) para lidar com relações raciais;
- como o tema “relações raciais” é relatado por clientes e percebido por psicólogos;
- reações, sentimentos e intervenções dos profissionais de psicologia diante das relações raciais abordadas na sua prática profissional.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Esta pesquisa foi realizada nos estados de São Paulo e Minas Gerais, por meio de um questionário online e com uma amostra de sessenta participantes.

Assim, essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, de objetivo exploratório.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

É evidente que o racismo causa grande impacto na vida de indivíduos, visto que é indissociável na dinâmica das relações sociais presentes no Brasil. Considerado um fator determinante de desigualdades e condições de saúde. Conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2019) 56,2% das pessoas no Brasil, se declaram de cor ou raça preta ou parda.

De acordo com os dados do IPEA (2011), no que diz respeito à educação no Brasil, observou-se a manutenção da desigualdade que tem, historicamente, limitado ao acesso, a continuação, e as oportunidades da população negra do país. Cerca de 15,5% da população de 15 anos ou mais, no ano de 1995 não sabiam ler nem escrever, no ano de 2009, foi constatado que este percentual caiu para 9,7%. Contudo, no mesmo ano, 20,5% da população negra na região Nordeste, em situação de analfabetismo, contra 14,2% dos brancos. A partir disso acarretam vários outros impactos. De acordo com dados do IBGE (2019) em 2018, estudantes pretos ou pardos acima de 15 anos de idade, a taxa de analfabetismo chega a 9,1%, mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas que foi de 3,9%. Estatisticamente, conforme aponta dados do Ministério da Saúde, apoiado pelo IBGE (2010), a taxa de homicídios de negros no Brasil é mais que o dobro da taxa de homicídios de brancos. Somando 36 mortes de negros, contra 15,2 de brancos a cada 100 mil.

São muitas as desigualdades de raça na sociedade brasileira. Inúmeras as evidências dessas desigualdades presentes em vários âmbitos da sociedade, causando uma desvantagem do negro quanto cidadão, ao acesso de serviços essenciais à saúde, educação, moradia, lazer, cultura, e benefícios (BRASIL, 2017).

Este trabalho torna-se relevante por buscar mapear as dificuldades encontradas por psicólogos para abordar relações raciais com uma atuação inclusiva

de fato, e as ferramentas disponíveis para intervir no campo das relações raciais em diferentes contextos, questionando sempre seu posicionamento ético-político para poder continuar avançando na construção da psicologia como ciência e profissão (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017).

1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Este trabalho está organizado em seis seções, sendo que na Introdução encontra-se uma breve apresentação do tema tratado, assim como o problema, os objetivos (geral e específico), a delimitação do estudo, a relevância do estudo, e a organização do projeto.

A segunda seção refere-se a Revisão de Literatura, que está dividida em: Relações raciais: abordando o racismo institucional, interpessoal e o racismo internalizado; a Formação do psicólogo para sua atuação profissional: contribuições da psicologia para desconstrução do racismo; e O papel do psicólogo frente as relações raciais em diferentes contextos.

Na terceira seção, encontra-se o método, no qual está mencionado o tipo de pesquisa, o local onde foi realizada, a população e amostra, o instrumento que foi utilizado, o plano de coleta e de análise dos dados da pesquisa. Os últimos na ordem estão, os resultados e discussão da pesquisa e consideração final.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura da pesquisa divide-se em três seções, sendo elas: Relações raciais: racismo institucional o interpessoal e o racismo internalizado; Formação do psicólogo para atuação profissional: contribuições da psicologia para desconstrução do racismo; e O papel do psicólogo frente às relações raciais em diferentes contextos.

2.1 RELAÇÕES RACIAIS: RACISMO INSTITUCIONAL, INTERPESSOAL E RACISMO INTERNALIZADO

Referir sobre o racismo não é uma tarefa fácil. Exige contextualizar o processo histórico, político e cultural por trás da desigualdade presente na sociedade brasileira. Partindo da concepção de que o indivíduo é necessariamente fruto da interação social.

Quando a questão refere-se à abolição da escravização, o Brasil não tem muito do que se orgulhar, visto que das Américas, foi o último país a abolir a escravização, na qual transforma-se quem é considerado inferior e diferente em escravo, portanto, não se nasce escravo, torna-se, revelando assim um processo não natural, no qual afasta negros de sua família, cultura, comunidade e religião, a fim de ser vendido e comprado por sua mão de obra, como se fosse uma mercadoria. O Brasil foi o país com o maior índice escravista dos tempos modernos. Foram milhões de negros trazidos da África em porões de navios negreiros que marcam a história do Brasil (BRASIL, 2017).

Perto do fim do escravismo, quando o cenário político já apontava a lei de abolição, manifestou-se na elite nacional um temor da dominação territorial pelo povo negro. Estratégias contra essa dominação, impulsionaram a elite brasileira, incluindo o governo, a dissolver o predomínio demográfico dos negros no Brasil, importando e adaptando teorias racistas originalmente europeias e intensificando a imigração maciça de brancos europeus (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Com a expansão europeia, as características físicas tornaram-se fundamentais para a identificação e hierarquização de diferentes grupos da humanidade,

associando o estereótipo e o comportamento que depois seriam incorporados pelas teorias de raça, determinando grupos étnicos de características físicas e/ou mentais, reais ou imaginárias, e que seriam transmitidas de geração para geração (BETHENCOURT, 2018 apud LIMA, 2019).

A realidade do negro no Brasil pode ser analisada através de indicadores, taxas e banco de dados, os quais alertam para a difícil realidade que o negro enfrenta no país. Em seu cotidiano o afrodescendente enfrenta injustiças, desigualdades, agressões, tanto físicas quanto psicológicas (LIMA, 2019).

Conforme aponta dados do IPEA (2009), no que tange a pobreza, distribuição e desigualdade de renda no Brasil, de acordo com as linhas de pobreza baseadas no salário mínimo, a renda média da população negra no país corresponde a 55% da renda da população branca em 2009. Enquanto a renda média de uma mulher negra, é isolada na base da hierarquia social, correspondendo a 30% de rendimento em relação ao homem branco.

Retratando a desigualdade social, um dos principais indicadores é o de auxílio de cobertura de assistência social, que tem como objetivo repor a renda dos indivíduos em situações de desemprego e pobreza extrema, como por exemplo, o programa do governo Bolsa Família, que tem como objetivo minimizar a situação de vulnerabilidade de famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, buscando garantir o direito e acesso à alimentação e educação. Grande maioria dos domicílios que recebem benefícios assistenciais, são chefiados por negros (as), correspondendo a 70% em 2006. Os dados ressaltam a realidade de uma discriminação por cor de pele no mercado de trabalho (IPEA, 2009).

Os negros enfrentam um país no qual a cor da pele garante benefícios para uns e pelo mesmo motivo condena outros a exclusão, privação e sofrimento. Enfrentam, diariamente, uma maior exposição a violência, injustiça social e insegurança. Falando do sistema prisional do país, negros são excessivamente perseguidos pela polícia. A maior parte da população encarcerada no Brasil são homens negros, ressaltando que há um grande número de pessoas que foram presas sem passar por nenhum processo de julgamento, ou seja, perseguidas e presas apenas por estar na condição de pessoas pobres e negras (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

O racismo institucional, como defende López (2012), é disseminado assiduamente no funcionamento de instituições e organizações, causando uma desigualdade nas distribuições de serviços, benefícios e oportunidades do ponto de vista racial. Na maior parte dos casos, a discriminação acontece de forma indireta. Porém, há uma falta de reflexão por parte das instituições de reconhecer esse mecanismo de produção de racismo, marcado pelo tratamento diferenciado e desigual com a população negra.

Coube chamar esse tipo de racismo, de racismo institucional, uma vez que acontece dentro de grandes instituições, referindo as formas como estas agem, mantendo essa modalidade de racismo como natural e passível de reprodução. Atuam de forma velada e sorrateiramente no dia-a-dia das instituições e organizações, através dos benefícios, oportunidades e distribuições de serviços diferenciados para a população negra. É inegável que instituições e organizações tenham que assumir o fato de praticarem a execução e reprodução do racismo institucional, uma vez que tenham que justificar políticas públicas de igualdade racial (LÓPEZ, 2012).

Afim de reconhecer e superar o racismo institucional, o Conselho Nacional de Saúde, aprovou em 2006, a Política de Saúde Integral da População Negra, que tem como objetivo combater e discriminação étnico-racial que ocorrem nos serviços e atendimentos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e também a promoção da igualdade racial e equidade da saúde da população negra. Tem como diretrizes a responsabilidade da gestão, no que diz respeito às melhorias das condições de saúde da população negra, incluindo ações de cuidados, promoção e prevenção de doenças. Incluem, ampliação e fortalecimento do controle social, estratégias de identificação, abordagem, combate e prevenção do racismo institucional dentro do ambiente de trabalho, no processo de formação e educação permanente dos profissionais. (BRASIL, 2013).

Quando foi citado acima que o indivíduo é fruto de uma interação social, podemos analisar o Racismo interpessoal. Como o próprio significado da palavra interpessoal diz: relativo a/ou que envolve relação entre duas ou mais pessoas. Juntando racismo com interpessoal, podemos dizer que a dimensão do racismo alude aos processos de desigualdade que ocorrem entre os indivíduos que interagem uns com os outros. Quando se fala de relação, pode-se citar inúmeras delas, seja profissional, familiares, conjugais, de amigos, conhecidos e desconhecidos, seja uma

relação horizontal ou vertical. Portanto o racismo interpessoal, pode vir de todos os lados, seja por um sujeito que possui um papel socialmente superior, ou de um sujeito que desempenha socialmente um papel de subordinado, sendo assim, o racismo interpessoal ocorre por meio de ações diretas declaradas ou não. Há inúmeros exemplos de como o preconceito racial se faz presente, podendo ocorrer nos diversos ambientes, porém, na maioria das vezes, a discriminação, não é atribuída ao fenótipo negro, entretanto há não evidência de outro fator que poderia explicar o tratamento diferenciado, caracteriza racismo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

O racismo não é somente uma experiência singular e afetiva de um indivíduo em relação ao outro, maneiras de pensar e agir estão impregnadas na sociedade, intrinsecamente. Apresentando-se em sua grande parte pela representação de superioridade do branco em relação ao negro. Seja elas por manifestações implícitas ou explícitas, de cunho pessoal ou profissional. Há casos que, quando acontecido, quem sofre o preconceito não consegue defini-lo por hora, pois este está tão enraizado na sociedade que fica difícil distinguir, não sabendo dar nome ao ataque e nem por isso significa que aquele ataque não o afete de maneira simbólica e/ou material (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Pensando nesses aspectos sobre o racismo, é importante pensar sobre a formação do psicólogo e o seu preparo para trabalhar com as relações raciais, uma vez que a Psicologia se faz presente em muitos campos de atuação, com a responsabilidade da prevenção e promoção da saúde psíquica do indivíduo.

2.2 A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO PARA ATUAÇÃO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO

São muitos os campos de atuação da psicologia: pesquisas, educação, organizações, intervenções na área da saúde, clínica, trânsito, esporte, entre tantas outras. Mas a questão que este trabalho levanta, é até que ponto o profissional de psicologia está preparado para trabalhar questões raciais.

A formação do psicólogo é um momento de construção de aprendizado, teorias, métodos e técnicas sobre diversos assuntos da subjetividade humana. Sendo assim,

na formação acadêmica é importante que sejam apresentados aos alunos, temas relevantes que despertem o desejo na busca do conhecimento sobre entendimentos e concepções que envolvam relações raciais, uma vez que está presente em nossa sociedade, fazendo parte da vida de todos os brasileiros, independentemente da cor da pele (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Entendendo a formação do psicólogo como uma experiência rica e privilegiada de conhecimento sobre as mais diversas problemáticas, se durante a graduação nada ou pouco é visto a respeito de relações raciais, acaba por tornar mais complicado o reconhecimento do tema como relevante por parte dos alunos. Resultando na pouca importância ao assunto que os mesmos darão, posteriormente, em sua vida profissional. (SANTOS; SCHUCMAN, 2015).

De acordo com Moraes e Rosa (2020), no Brasil, as precursoras dos estudos sobre relações raciais foram a socióloga, Virgínia Leone Bicudo e Neusa Sousa Santos. Virginia foi a primeira a escrever uma dissertação de mestrado em 1945 sobre relações raciais no Brasil, denominada de “Atitudes Raciais de pretos e Mulatos em São Paulo”, além de ser a primeira não médica a receber o título de psicanalista no país. Já a psiquiatra e psicanalista Neusa Souza Santos, escreveu em 1983 “Tornar-se Negro” referência no estudo de questões raciais. Neusa entende o ser africano como um ser espiritual, e a negação da espiritualidade africana é a negação de si mesmo. Sendo assim afirma: “O negro tomou o branco como modelo de identificação como única possibilidade de tornar-se gente” (SANTOS, p.18,1983 apud MOARES; ROSA, 2020).

O pensamento racista, historicamente, foi legitimado pela psicologia, produzindo conhecimento que alicerçasse cientificamente pensamentos e estereótipos infundados através de teorias discriminatórias. Inicialmente, por ter sido uma profissão elitizada, tomou como padrão, uma realidade que não mirava a realidade do povo brasileiro. Considerando o campo da Psicologia, podemos hipotetizar que o fato da grande maioria de psicólogos (as) e pesquisadores (as) serem brancos (as) e pertencerem a uma sociedade acreditada na ideia de terem a branquitude como identidade racial normativa, há falta de estudos e trabalhos voltados à luta antirracista (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Conforme Schwarcz (1994), a elite brasileira se incomodava com questões relacionadas a saúde e higiene pública. A Escola de Medicina do Rio de Janeiro, realizou pesquisas, mencionando o combate a miscigenação, embasada na teoria de que as doenças eram trazidas das África, decorrentes da mestiçagem, causada pela escravização.

Rodrigues (1939 apud CHAVES, 2003) com base na teoria do “evolucionismo social”, configurou pardos, mulatos e mamelucos, não como uma raça, mas como fusão das raças negra, indígena e branca, classificando-os, do ponto de vista do racismo científico, como seres inferiores, devido a influência de seus ancestrais selvagens: os negros e os povos indígenas. Em relação a diversidade religiosa, as classificou como inferiores e contaminadora da população branca.

Partindo das influências do evolucionismo social, a psicologia brasileira produziu uma psicologia branca. Iniciado os primeiros Serviços de higiene Mental, nos Centros de Orientação Infantil e Juvenil e nos Setores de Psicologia Clínica o pensamento racista esteve presente. Cabia à psicologia verificar anormalidades psíquicas, com base na carência, encontrar crianças “problemas” com “dificuldades” de aprendizagem ou emocional (CHAVES, 2003).

Atualmente, a psicologia vem se omitindo a respeito das desigualdades políticas relacionadas ao racismo. Quando silencia-se a este fato, deixando de produzir pesquisas e conteúdos acadêmicos, não inserindo em grades dos cursos de psicologia, matérias que abrangem as relações raciais, exatamente quando seu objeto de estudo é o ser humano, proveniente de questões de identidade, autoestima, relacionamento, saúde psíquica, entre tantas outras (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

É de extrema importância o engajamento do psicólogo frente as relações raciais, visto que é uma demanda social grave muito recorrente na clínica. Portanto, na subseção seguinte, aborda-se o papel do psicólogo diante das relações raciais.

2.3 O PAPEL DO PSICÓLOGO FRENTE AS RELAÇÕES RACIAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS

Entende-se que o racismo está disponível estruturalmente no cotidiano dos indivíduos, portanto sua desconstrução não poderá ser realizada por meio de práticas “tradicionais” pelos psicólogos (MADER, 2016).

Desde muito cedo, pais negros procuram alertar os filhos enquanto educam na busca de prepará-los para o mundo que os esperam. Os riscos contra negros no país são confirmados por estatísticas que apontam o negro como alvo de genocídio. O recente brutal assassinato (25/05/2020) de George Floyd pela polícia americana, inflamou um debate no mundo todo sobre racismo. No Brasil o índice de vidas negras que são mortas é alto, sobretudo de crianças como João Pedro (14 anos), Jenifer (11 anos), Kauã (8 anos), Agatha (8 anos), Kethellen (5 anos), casos evidenciados pela mídia, entre tantos outros que não se tornaram públicos. A vida da criança negra é carregada de alertas para manter o corpo e mente sempre atentos a se protegerem. A educação é repleta de advertências sobre as diferenças sociais que os cercam. Desde sempre são obrigados a entender o preço de nascer com a cor da pele preta, buscando criar estratégias para sobreviver em um país racista (MORAES; ROSA, 2020).

Uma campanha do Conselho Federal de Psicologia- CFP (2020) apoia que a luta pela vida da juventude negra importa, assim como a saúde mental dessa população. No Brasil, o suicídio é a quarta causa de morte entre os jovens, e a cada dez suicídios, seis são cometidos por jovens negros. E, de acordo com o Ministério da Saúde (2018), a principal causa apontada nesse índice são a desigualdade étnico racial e o racismo institucional, assim como a não aceitação da identidade racial, sexual e afetiva, ausência do sentimento de pertença, sentimento de inferioridade, incapacidade, rejeição, entre outros. As queixas sobre racismo por adolescentes, muitas vezes podem ser subestimadas, tratadas como algo pontual, sem muita importância, podendo ainda culpabilizar o que sofre preconceito. A dificuldade de falar abertamente sobre suicídio com a junção a elementos estruturantes como o racismo, contribuem para o silenciamento da questão.

Nesse sentido, tendo a escola como um ambiente muito importante na formação de um indivíduo, deve-se estar atento aos mecanismos usados por ela para superar a prática que mantém o aluno negro fadado por ideias de inferioridade, discriminação e preconceito, durante todo o tempo escolar. O ambiente escolar, público ou não, destinado ao aluno negro, é considerado um ambiente “hostil”, por

evidenciar em livros didáticos com forte preconceito racial, omitindo a história do povo negro e indicando uma omissão em relação à contribuição do negro para a formação cultural do Brasil. O fracasso da educação brasileira recai ainda sobre o despreparo do professorado, quando na verdade significa apenas uma parte de todo o problema, que perpassa níveis políticos, sociais e culturais (RIBEIRO, 2018).

Em relação à saúde da população negra, de acordo com o Ministério da Saúde (2018), a vulnerabilidade em saúde se constitui através da interação do indivíduo com o contexto social, cultural, político, econômico e ambiental, propiciando condições que favorecem riscos ou ameaças a saúde. Os determinantes sociais que são os fatores que influenciam a vulnerabilidade em saúde, são diferentes nas oportunidades e condições, que podem gerar desigualdades injustas ao negro, que podem ser evitadas.

Não ficam dúvidas ao se afirmar que o racismo causa sofrimento psíquico, e gera consequências desastrosas para saúde mental da população negra.

Refletindo a respeito da complexidade acerca do racismo, é importante considerar que o trabalho do profissional de psicologia, seja ele individual, grupal, familiar, escolar, comunitário, organizacional ou clínico, deva questionar a prática e sua forma de atuação no trabalho de enfrentamento ao racismo, nesse sentido, é no acolhimento e no diálogo que o reconhecimento de si e do grupo, torna-se fundamental na estruturação da subjetividade do sujeito que sofreu o ataque. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

É fundamental que a psicologia dialogue com outras áreas que investigam o racismo, como a história, antropologia, literatura, para que haja uma maior compreensão das diferentes dimensões do fenômeno, possibilitando compreender como o racismo se estrutura simbolicamente, afetiva e cognitivamente em cada indivíduo, considerando os efeitos psíquicos e respeitando a subjetividade de cada um (MADER, 2016).

É preciso atentar-se nas diferenças das vulnerabilidades individuais, fugindo da “prática comum” no atendimento clínico de consultório, principalmente quando esse atendimento perpassa o ambiente clínico, como no caso de atendimentos assistenciais, em redes públicas, comunidades, entre outras. A princípio compreender de que modo a cultura social do racismo interfere e afeta aos indivíduos atendidos, conhecer os saberes, costumes, e a dinâmica existente no contexto em que estão

inseridos, é essencial para o trabalho de enfrentamento à discriminação racial (MADER, 2016).

Primeiramente, como cidadãos e como profissionais de psicologia, temos como obrigação denunciar casos de racismo, sejam eles sofridos ou presenciados. Conforme aponta o artigo I do Decreto nº 65.810 de 8 de Dezembro de 1969, que regulamentou que no Brasil a discriminação racial é: Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo, ou exercício num mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de vida pública (BRASIL, 1969).

É claro que trata-se de um grande desafio opinar e debater sobre racismo, relações raciais e raça no Brasil, visto que é um país com extrema dificuldade em refletir sobre o tema. Porém, cabe à psicologia incentivar e fortalecer estudantes, profissionais e pesquisadores na compreensão sobre a desigualdade racial no Brasil. Nesse sentido, é fundamental que na formação de psicólogos (as) e pesquisadores da área deva incluir a reflexão crítica sobre as relações raciais e sua preparação para o manejo adequado da categoria raça na análise da desigualdade (SANTOS; SCHUCMAN, 2015).

A psicologia pode ainda, contribuir de maneira efetiva para uma verdadeira igualdade racial, contribuindo para uma luta antirracista, apoiada em valores éticos, buscando igualdade e justiça, refletindo e desnaturalizando conceitos. Enfrentando a discriminação, zelando pela responsabilidade social das instituições, organizações e do governo, por um comportamento atuante perante as relações raciais, a fim de promover condições que permitam a igualdade de oportunidades, tratamento, e regalias (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo foi realizado em uma abordagem quantitativa. Segundo Tripodi et al. (1975 apud MARCONI; LAKATOS, 2003), as abordagens quantitativas consistem em investigações de pesquisas empírica na qual sua principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou indispensáveis. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais que aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos visando objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários entre outros.

A pesquisa foi realizada através de pesquisa de campo que se caracteriza por procurar muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. O planejamento da pesquisa de campo apresenta uma maior flexibilidade, permitindo que seus objetivos sejam reformulados durante ao longo da pesquisa. Outra característica da pesquisa de campo é que se estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ressaltando a interação de seus componentes, utilizando muito mais técnicas de observação (GIL, 1999).

Com objetivo exploratório que, segundo Tripodi et al. 1975 apud Marconi; Lakatos (2003), são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com três finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e esclarecer conceitos. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para o estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem. Ou seja, estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Na etapa quantitativa do estudo, foi utilizado questionário disponibilizado pela Plataforma online do Googleforms, assim o participante pode acessar em qualquer lugar através de um computador ou celular.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foram abordados nesta pesquisa 60 participantes de ambos os sexos, de todas as raças, formados em psicologia e que atuam na área. Como critérios de exclusão, para esta pesquisa não se abordou estudantes de psicologia ou psicólogos que não atuam na área.

3.4 INSTRUMENTOS

Para o desenvolvimento do estudo, foi utilizado um questionário online (APÊNDICE), confeccionado pelo pesquisador, nos quais foram investigadas as manifestações acerca de relações raciais na atuação profissional.

Segundo Gil (2008), define-se questionário como a técnica de investigação formada por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, comportamento presente ou passado entre outros. O questionário apresenta uma série de vantagens, tais como, possibilitar atingir um grande número de pessoas, mesmo que estejam em outra localidade, já que o questionário pode ser feito online, garante o anonimato das respostas, permite que as pessoas o respondam no momento mais oportuno, não expõe o pesquisador entre outros.

O questionário elaborado possui 22 perguntas que abordam os temas referentes a atuação do psicólogo frente as manifestações de questões raciais, durante a atuação profissional do psicólogo (a).

3.5 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

O presente trabalho passou por aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, e após ser aprovado sob o parecer nº 4.075.551 foi possível encaminhar o questionário online para que as pessoas pudessem participar. O encaminhamento do questionário foi pela metodologia “bola de neve”, uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência, utilizada principalmente para fins exploratórios na qual um indivíduo pode encaminhar para outro, a partir de características específicas, e assim sucessivamente (VINUTO, 2014), ou seja, não houve a necessidade de uma autorização institucional.

Antes do participante responder o questionário online, este teve que preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual conta com um campo de preenchimento para o e-mail do participante com a finalidade dos resultados da pesquisa serem encaminhados para seus respectivos participantes.

Os questionários respondidos serão guardados pelo pesquisador responsável por cinco anos.

3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Os dados do questionário online foram tabulados no Excel Online versão 2016 e receberam tratamento estatístico de porcentagem e qui-quadrado entre variáveis. O teste qui-quadrado, encontra hipóteses que procura avaliar a associação existentes entre variáveis, se destina em comparar proporções, divergências entre as frequências observadas e esperadas (CORREA; QUEIROZ; TREVISAN, 2018).

Foi aplicado o qui-quadrado em todas as variáveis do estudo, porém só houve diferença estatística significativa ($p > 0,05$) nas seguintes variáveis: discussões sobre racismo e tempo de formação e discussões sobre racismo nas universidades. Com

isso, pode-se analisar se na amostra, atualmente, se discute mais sobre racismo nas universidades, e se a discussão se perpetua mais nas universidades públicas ou privadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado conforme os procedimentos éticos de pesquisa em seres humanos estabelecidos na resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. A análise dos resultados dados desta pesquisa foi feita em uma abordagem qualitativa, na qual foi aplicado um de questionário via plataforma online *Googleforms*, em psicólogos, entre os meses de agosto e setembro de 2020. A amostra foi composta por 60 participantes formados em Psicologia, do estado de São Paulo e Minas Gerais, entre homens e mulheres com idade média entre eles de 36 anos, cuja participação foi voluntária.

Para tabulação dos resultados do questionário, foi utilizado o Microsoft Excel versão 2016, onde exportou-se os dados do *Googleforms*, que receberam tratamentos estatísticos, traduzindo em tabelas e gráficos, com números e porcentagens, para melhor compreensão dos resultados obtidos.

A organização da análise ficou dividida em três etapas: a primeira descrita como perfil dos participantes, onde se apresenta a caracterização da amostra; a segunda etapa apresenta a formação dos participantes, onde contém informações sobre a formação profissional dos participantes, já a terceira etapa se caracteriza pela atuação profissional em relações raciais, no qual apresenta informações sobre a atuação profissional dos participantes da amostra em relações raciais.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Observou-se que a amostra da pesquisa foi composta por 85% de mulheres, e 15% de homens, conforme aponta a Tabela 1.

Tabela 1: Gênero dos participantes.

GÊNERO		
	N	%
Feminino	51	85%
Masculino	9	15%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

Os resultados obtidos na pesquisa confirmam a predominância de mulheres na psicologia conforme apontam os dados do Conselho Federal de Psicologia- CFP (2020), no qual mulheres com o CRP ativos no Brasil correspondem a 85%, contra 13% dos homens, no qual 2% não identificaram o gênero.

Relacionado à cor dos participantes da pesquisa, pode-se observar uma predominância da cor branca no campo de atuação da psicologia, como aponta Veiga (2018), em seus estudos. Do total, 38 participantes da pesquisa são brancos correspondendo a 63% da amostra, seguido da cor preta, com 18%, a cor parda, com 13%, a indígena, com 3 % e amarela correspondendo a 2 % da amostra coletada. Conforme aponta a Tabela 2.

Tabela 2: Cor dos participantes.

COR DOS PARTICIPANTES		
	N	%
Branca	38	63%
Preta	11	18%
Parda	8	13%
Indígena	2	3%
Amarela	1	2%
Não sei dizer	0	0%
Total	60	100%

Fonte: Dados coletados da pesquisa.

Veiga (2019) afirma que a formação e o exercício da psicologia no Brasil, são caracterizados como uma psicologia predominantemente branca, uma vez que colonizados por uma branquitude-patriarcal-europeia, deu-se como sendo bom, inteligente ou relevante a criação do colonizador, e principalmente sua produção de conhecimento. O autor ainda afirma que “Homens-brancos-europeus foram tomados como sabedores das questões filosóficas, existenciais, políticas, econômicas, artísticas e psicológicas de todos os povos” (p.245).

Conhecido o perfil da amostra, os próximos resultados se referem a formação profissional dos participantes da pesquisa.

4.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Com base nos resultados obtidos, entre os participantes, 32% cursaram a graduação em universidades públicas, e 68% deles cursaram a graduação em universidades particulares, de acordo com a Tabela 3.

Tabela 3: Tipo de instituição.

TIPO DE INSTITUIÇÃO		
	N	%
Universidade Pública	19	32%
Universidade Privada	41	68%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Apesar da amostra apresentar uma predominância em universidades privadas, pode-se perceber na pesquisa que, nas universidades públicas o índice de negros é maior que nas universidades privadas. De acordo com o Relatório Executivo das Instituições Federais do Ensino Superior- IFES, (2019) a composição de cor dos estudantes da Universidades Federais de Ensino Superior, teve mudanças significativas nos últimos 15 anos. Pode-se perceber que houve um crescimento da participação da população parda e preta nas universidades públicas, e uma diminuição dos brancos, que em 2003 era de 59,4% e em 2018 caiu para 43,3%. A mudança no cenário das universidades federais pode ser resultado de programas políticos como o de cotas, que prevê pela lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 que:

As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição (BRASIL, 2012, s/p).

O tempo de formação dos integrantes da pesquisa se dividiu entre menos de 5 anos (55%), entre 5 e 10 anos (22%), 10 e 20 anos (15%), e apenas 8% das psicólogas (os) atuam na área há mais de 20 anos, conforme pode-se observar na Tabela 4.

Tabela 4: Tempo de Formação dos Participantes.

TEMPO DE FORMAÇÃO		
	N	%
Há menos de 5 anos	33	55%
Entre 5 e 10 anos	13	22%
Entre 10 e 20 anos	9	15%
Há mais de 20 anos	5	8%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

Conforme aponta a Tabela 5, o nível de formação dos participantes foi composto por 25% que cursaram apenas a graduação, 45% com algum tipo de especialização, 18% fizeram mestrado, 10% fizeram doutorado e apenas 2% possuem título de livre docência.

Tabela 5: Formação acadêmica.

FORMAÇÃO ACADÊMICA		
	N	%
Graduação	15	25%
Especialização	27	45%
Mestrado	11	18%
Doutorado	6	10%
Livre Docência	1	2%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Apesar de 75% da amostra se dividirem entre especializações, mestrado, doutorado e livre docência, apenas um participante afirma estar cursando uma especialização em Direitos Humanos e Racismo. O que pode indicar o pouco interesse dos psicólogos da amostra em aprofundar estudos nessa área.

No que se refere a discussões sobre racismo e relações raciais durante a formação acadêmica dentro da sala de aula, apenas 10% dos participantes alegam uma constância nas discussões, 25% afirmam nunca terem discutido sobre o assunto em sala de aula durante toda a formação, e 65% deles relatam que as discussões sobre o tema aconteciam apenas as vezes, conforme pode-se observar na Tabela 6.

Tabela 6: Discussões sobre racismo durante formação acadêmica.

DISCUSSÕES SOBRE RACISMO DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA		
	N	%
Sempre	6	10%

Nunca	15	25%
Às vezes	39	65%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

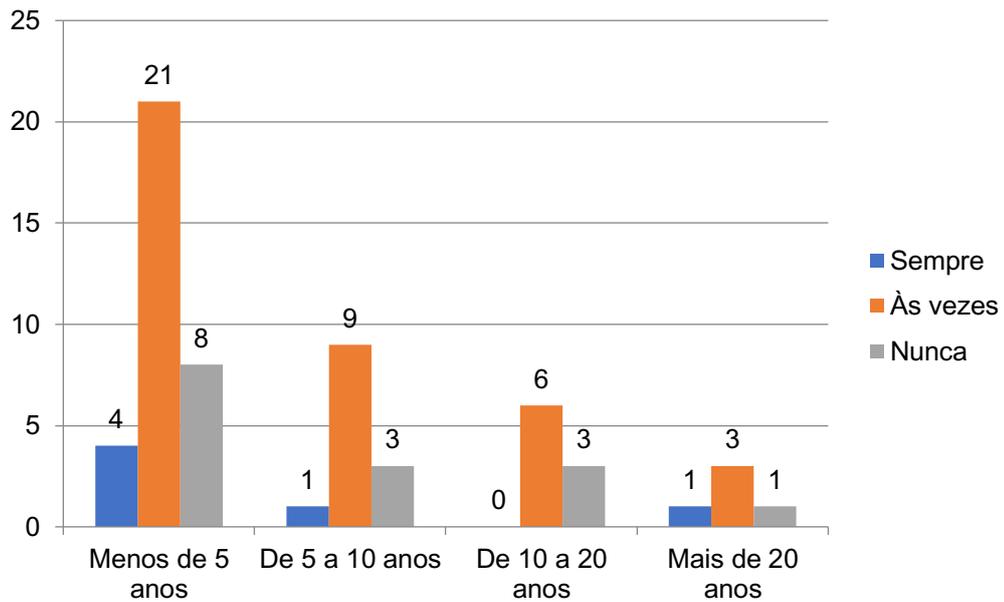
Apenas 10% da amostra afirmam terem discutido com frequência sobre racismo durante a formação acadêmica. De acordo com Veiga (2019) as grades curriculares de psicologia das universidades brasileiras são impregnadas de colonialismo, e os teóricos mais vistos e estudados são homens-brancos-europeus. A importância desses autores, se dão na história ocidental da ciência psicológica, especificamente voltada para área clínica. Os principais conceitos suprem manejar as subjetividades do sofrimento psíquico do homem branco. A consequência da importação e aplicação prática das conceituações psicológicas europeias, aniquila a singularidade e processos psíquicos dos negros. Abdias Nascimento, discorre a respeito:

Como poderiam as ciências humanas, históricas - etnologia, economia, história, antropologia, sociologia, psicologia e outras - nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestarem útil e eficaz colaboração ao conhecimento do negro, à sua realidade existencial, aos seus problemas, aspirações e projetos? Seria a ciência social elaborada na Europa e nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? (NASCIMENTO, 2009, apud VEIGA. p.206, 2019).

Ao realizar o teste qui-quadrado entre as variáveis tempo de formação e discussão sobre racismo na graduação, e as variáveis tipo de instituição e discussão sobre racismo na graduação, obteve-se as diferenças estatísticas de $p= 0,0001$ e $p=0,002$, respectivamente. Assim, pode-se afirmar que, de acordo com a percepção dos participantes da pesquisa, atualmente, se discute mais sobre racismo do que nos anos passados e que universidades particulares discutem mais sobre temática do que universidades públicas.

Nos Gráficos 1 e 2, são apresentados a forma que a amostra se distribui com relação a presença de discussões sobre racismo e as variáveis tempo de formação e tipo de instituição, respectivamente.

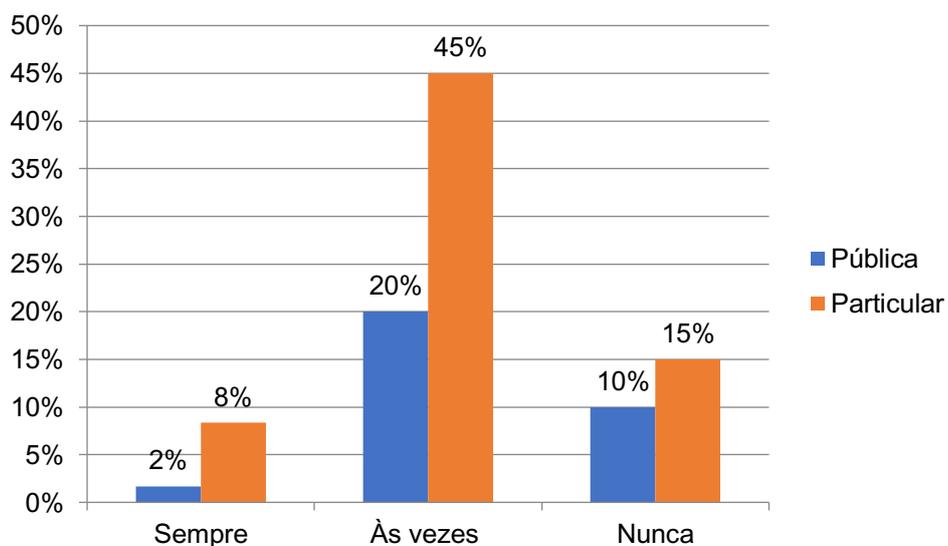
Gráfico 1: Discussões sobre racismo e tempo de formação



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

No Gráfico 1, podemos analisar que as discussões sobre racismo foram crescendo gradativamente conforme os anos. Portanto, segundo a amostra, atualmente se discute mais sobre o assunto do que no passado.

Gráfico 2: Discussões sobre racismo nas universidades.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

No Gráfico 2, observa-se que entre “sempre” e “às vezes”, 53% dos participantes tiveram oportunidades de discutir sobre racismo em universidades particulares, ao contrário do que foi encontrado na literatura, onde essas discussões são mais frequentes em universidade públicas, consequência do aumento de negros ingressantes nos cursos de graduação, resultado do programa de cotas.

Dentre os que tiveram oportunidade de discutir sobre racismo durante a graduação, 4% afirmam que foram somente em atividades extracurriculares não obrigatórios, como palestras e minicursos. Além disso, os participantes que relatam discussões sobre esse tema em sala de aula, correspondem a 16% das respostas afirmando ser em matérias do ciclo básico como filosofia, sociologia e antropologia. As disciplinas de psicologia da família, psicologia da saúde e psicologia escolar representa 3% cada. E a matéria que mais aparece em discussões sobre o tema, é em psicologia social, com 66%, de acordo com a tabela 7.

Tabela 7: Disciplinas que discutiram racismo.

DISCIPLINAS QUE DISCUTIRAM RACISMO		
	N	%
Atividades extra-curriculares	4	11%
Matérias Bases	6	16%
Psicologia Social	25	66%
Psicologia da Família	1	3%
Psicologia da Saúde	1	3%
Psicologia Escolar	1	3%
Total	38	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

A predominância da Psicologia Social na discussão sobre racismo apontada na pesquisa pode-se traduzir por ser uma área da psicologia que estuda as relações sociais, seja nas interações do indivíduo ou do grupo, inserido na sociedade, portanto, racismo é uma das questões que atravessam o campo da psicologia social. Esse dado reforça o caráter estrutural do racismo e seu impacto na formação de profissionais de psicologia, uma vez que as relações raciais não são amplamente abordadas e discutidas nas diversas disciplinas do curso de graduação, mesmo sendo uma temática que todos os seres humanos vivenciam. De acordo com Schucman e Martins (2017) por volta de 1970, a psicologia passa a se interessar um pouco mais sobre

desigualdades raciais, onde raça passa a ser compreendida como um constructo social que determina desigualdades, tanto simbólicas, quanto materiais ao povo negro. Assim, o fato de as relações raciais serem discutidas em apenas uma disciplina reduz a luta democrática da psicologia pela ampliação dos direitos sociais e políticos da população negra apenas a um campo teórico-prático desta ciência, mantendo o caráter elitista da psicologia.

Na Tabela 8, observa-se as experiências com relações raciais em estágios propostos pelas universidades, onde apenas 18% dos participantes afirmam terem tido algum tipo de contato com relações raciais durante os estágios, contra 82% que não tiveram nenhum tipo de contato.

Tabela 8: Experiência com relações raciais nos estágios.

EXPERIÊNCIA COM RELAÇÕES RACIAIS NOS ESTÁGIOS		
	N	%
Sim	11	18%
Não	49	82%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Os efeitos causados pela escravidão, causou impacto incalculável na subjetividade do povo negro. Não bastando as mortes em porões de navios negreiros em péssimas condições, castigos cruéis, muitos dos escravos não suportando “viver” em condições desumanas, atentavam contra à própria vida. Veigas (2019) discorre sobre a importância da saúde mental do negro:

Ao limitar-se às conceituações brancas e europeias sobre saúde mental e sofrimento psíquico, a psicologia brasileira deixa de contemplar e tratar adequadamente 54% da população do país, composta por negros e negras. A subjetividade negra é ignorada na grande maioria das graduações em psicologia, e um dos efeitos diretos disso são pacientes negros serem vítimas de racismo pelos profissionais que deveriam acolhê-los e, ao mesmo tempo, sentirem que não estão sendo compreendidos em suas questões e nem escutados como pertencentes a um povo que durante mais de 300 anos foi escravizado e que só há 130 anos foi liberto (VEIGA, p. 245, 2019).

A baixa porcentagem da amostra que teve contato com experiências em estágios sobre relações raciais, ressalta a relevância dos cursos de psicologia do Brasil investirem em estudos e estágios voltados para população negra do país.

Questionado aos participantes se acreditam que, somente com a graduação, os profissionais de psicologia possuem domínio para trabalhar relações raciais,

apenas 3% afirmaram que sim, 78% acreditam que apenas com a graduação não é suficiente, e 18% considera que talvez somente com a graduação é possível trabalhar relações raciais. Conforme aponta tabela 9.

Tabela 9: Domínio sobre relações raciais apenas com a graduação.

DOMÍNIO SOBRE RELAÇÕES RACIAIS APENAS COM A GRADUAÇÃO		
	N	%
Sim	2	3%
Não	47	78%
Talvez	11	18%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

O trabalho dos psicólogos no Brasil, é desafiador, uma vez que psicólogos adentram aos campos de atuação, grande parte, antes mesmo de terem um preparo para reflexão, estudos e estágios sobre relações raciais nos cursos de graduação em psicologia. Na Tabela 9, é possível observar que a maioria dos próprios psicólogos que responderam o questionário, acreditam que não possuem domínio para trabalhar relações raciais apenas com a graduação.

Helms (1984 apud DAMASCENO, 2018) defende a importância de avaliar o estado de consciência racial do psicólogo, que são predisposições atitudinais e comportamentos levados a terapia, tanto do cliente como do psicólogo, e como se expressam pode depender de vários fatores.

O autor descreve quatro tipos de relações associadas ao estado de consciência racial. Nas relações progressivas, o estado de desenvolvimento racial do psicólogo está mais avançado do que o do cliente, portanto o profissional, poderá ser capaz de impulsionar o desenvolvimento do cliente para um estado de consciência racial mais saudável. Já nas relações regressivas, o desenvolvimento racial do cliente se encontra mais avançado do que o do psicólogo, produzindo um impasse terapêutico. Não há como avançar com o cliente, sendo que o próprio psicólogo não avançou.

As outras duas relações são, as atitudes cruzadas e as paralelas. A primeira é definida por estados opostos de desenvolvimento racial, atitudes opostas sobre negros e brancos, e a segunda se caracteriza por atitudes semelhantes do psicólogo e do usuário de seus serviços, sobre negros e brancos. Portanto, se não há domínio

sobre relações raciais, pouco ou nada poderá fazer o psicólogo, frente a uma demanda relacionada ao tema.

Apresentado a formação profissional dos participantes da amostra, os próximos resultados são referentes a atuação profissional dos psicólogos e sua atuação com relações raciais.

4.1.3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL E RELAÇÕES RACIAIS

Quanto a experiência frente ao racismo durante a vida profissional dos psicólogos, 75% dos participantes afirmam terem vivido ou presenciado algum episódio de racismo, contra 22% que não tiveram nenhum tipo de contato com racismo durante toda atuação profissional. E 3% dos participantes não souberam identificar. Conforme aponta tabela 10.

Tabela 10: Vivenciou/presenciou sobre racismo.

VIVÊNCIOU/PRESENCIOU SOBRE RACISMO		
	N	%
Sim	45	75%
Não	13	22%
Talvez	2	3%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Apesar do pouco preparo para atuação em relações raciais dos profissionais de psicologia da amostra, o resultado da pesquisa nos mostra a grande incidência de vivência sobre o racismo por parte dos psicólogos participantes.

O despreparo sobre a atuação em relações raciais, tanto nas grades curriculares quanto a iniciativa por parte dos psicólogos já formados a se atualizarem sobre o tema, reflete ainda uma visão universalista do ser humano, baseadas nos conceitos teóricos clássicos da psicologia, entendendo o ser humano como “abstrato e universal” com características fixas, independentemente do contexto, cor e condições no qual se encontra. Essa visão diminui a capacidade de atuação e compreensão efetiva do psicólogo frente as demandas de desigualdades, opressão e violência geradas pelo racismo.

Sobre a incidência em que relações raciais são abordadas no ambiente de trabalho dos participantes da pesquisa, 28% responderam que relações raciais são sempre abordadas, 10% afirmaram que nunca, e 62% apontam que às vezes relações raciais são abordadas em seu ambiente de trabalho. Pode-se confirmar na Tabela 11.

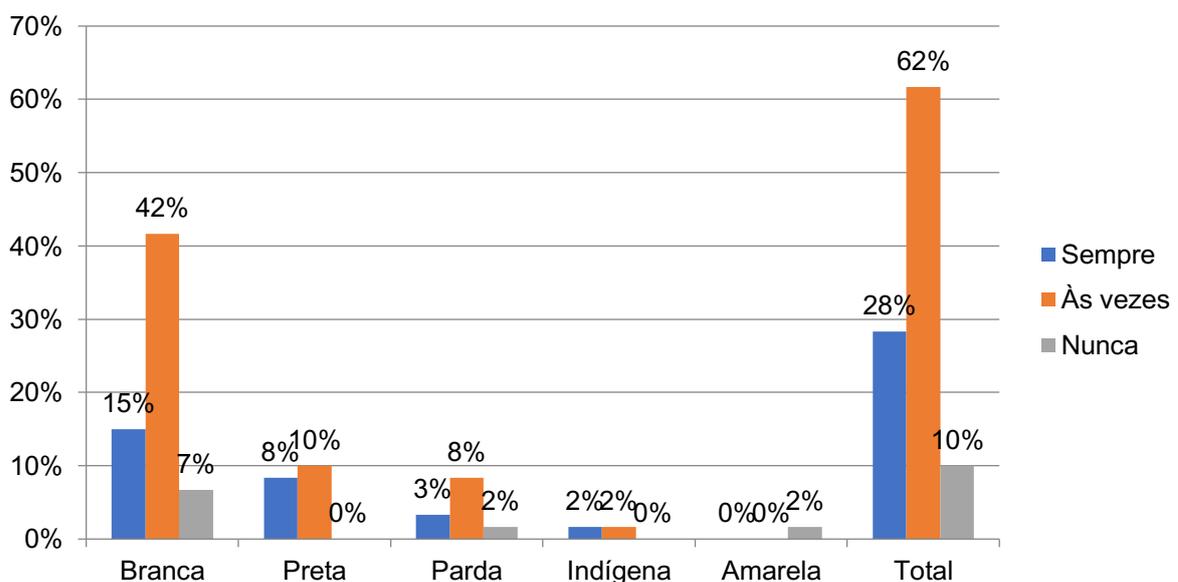
Tabela 11: Relações raciais no ambiente de trabalho.

RELAÇÕES RACIAIS/ AMBIENTE DE TRABALHO		
	N	%
Sempre	17	28%
Nunca	6	10%
Às vezes	37	62%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

Verificou-se que não houve diferença estatística significativa entre cor do psicólogo e a apresentação do tema no ambiente de trabalho. Mesmo assim, optou-se por demonstrar no Gráfico 3 como foi a distribuição dos participantes com relação a essa pergunta.

Gráfico 3: Discussões raciais no ambiente de trabalho X cor do psicólogo.



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Os dados demonstrados no Gráfico 3 significam que independentemente da cor do psicólogo, a temática racial surge em seu trabalho. Portanto, é necessário um preparo do profissional, para a questão ser trabalhada com respeito e qualidade. Compreender as relações raciais no Brasil é uma tarefa que implica a todos. Falar sobre racismo não significa desconsiderar outras causas de sofrimento, mas sim de salientar que o preconceito racial causa sofrimento psíquico, específico, histórico e coletivo, onde no Brasil é vivido por negros e indígenas. Portanto a luta antirracista, necessita ser de todos, psicólogos de todas as raças, gêneros e abordagens. É primordial um enfrentamento público e político e contra o racismo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Aos que em seu ambiente de trabalho abordam relações raciais, 47% deles afirmam que ocorre de forma natural, através dos relatos de seus clientes, 28% dos participantes costumam provocar que os clientes pensem sobre o tema, 23% dizem abordar relações raciais dependendo do contexto e 2% dizem não abordar esse tipo de assunto em seu ambiente de trabalho, conforme apontado na Tabela 12.

Tabela 12: Como relações raciais são abordadas.

COMO RELAÇÕES RACIAIS SÃO ABORDADAS		
	N	%
Ocorre de forma natural através dos relatos dos usuários dos meus serviços	25	47%
Eu costumo provocar que os usuários dos meus serviços pensem sobre o tema	15	28%
Depende do contexto	12	23%
Não abordo esse assunto no meu trabalho	1	2%
Total	53	100%

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

Visto que 47% dos participantes afirmaram que os usuários de seus serviços apresentam questões envolvendo relações raciais de maneira natural, desperta-se uma preocupação sobre qual o domínio desses psicólogos para abordarem a demanda de forma responsável e assertiva, uma vez que, conforme visto anteriormente, os participantes tiveram pouco contato com relações raciais nos

estágios de psicologia e possuem domínio limitado sobre relações raciais apenas com a graduação, de acordo, respectivamente, com as Tabelas 8 e 9.

Podemos destacar que a falta de conhecimento específico para atuar em relações raciais, pode ser um fator limitante para um atendimento eficaz. São muitos os motivos para o usuário negro buscar ajuda de um psicoterapeuta, as próprias vivências podem ser situações ameaçadoras, devido ao racismo vivido comumente em vários ambientes (DAMASCENO, 2018).

Quanto à predominância da cor da pele dos usuários dos serviços prestados pelos participantes da pesquisa, 62% dos usuários que tem acesso à saúde mental, tem a cor de pele branca, 12% cor de pele preta, 17% parda e 10% os participantes não souberam classificar a cor da pele dos usuários de seus serviços, conforme mostra a Tabela 13.

Tabela 13: Cor dos usuários dos serviços.

COR DOS USUÁRIOS DOS SERVIÇOS		
	N	%
Branca	37	62%
Preta	7	12%
Parda	10	17%
Amarela	0	0%
Indígena	0	0%
Não sei dizer	6	10%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Diante do resultado apontado na Tabela 13, esta pesquisa possui como foco dentro das relações raciais a população negra. Porém, ressalta-se a importância do desenvolvimento de estudos que abordem as demais populações que sofrem com o racismo.

Os dados obtidos na amostra confirmam que no Brasil o acesso à saúde da população negra é determinado, além das questões biológicas, a falsa “democracia racial” é um mito grave que causa a invisibilidade do racismo no país. O que ocasiona diversas restrições ao povo negro, como sendo uma delas o acesso restrito a saúde de um modo geral, incluindo a promoção e prevenção da saúde mental. A discriminação por si só, pode gerar diversos problemas de saúde, funcionando como um fator estressor na vida do negro, criando limitações, impactando a integridade e

autoimagem, podendo determinar saúde e bem-estar ou a falta deles (MATOS, TOURINHO, 2018).

No que se refere a cor predominante dos usuários dos serviços com os quais é abordado relações raciais, 30% são com pessoas de cor de pele branca, 33% de cor de pele preta, 12% pardos, e 25% não se aplica, de acordo com a Tabela 14.

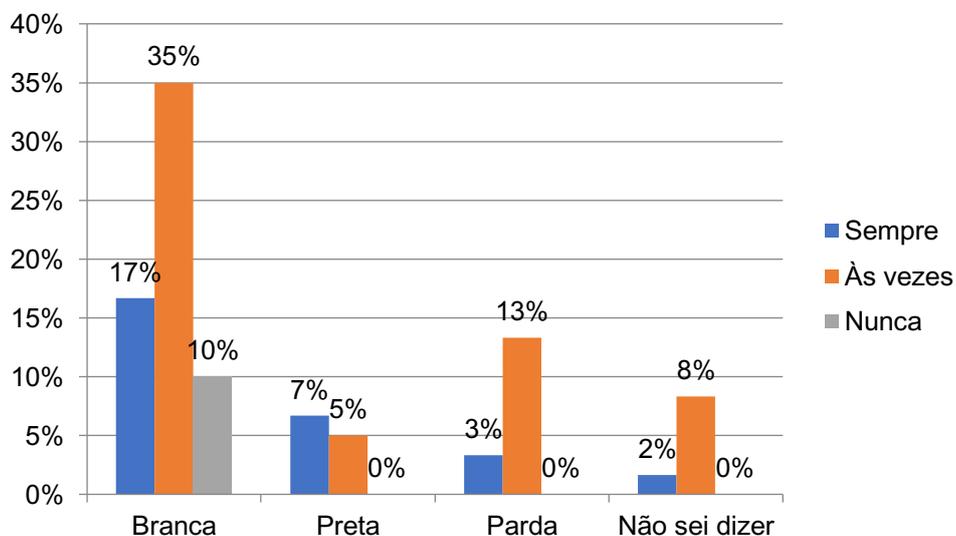
Tabela 14: Cor dos usuários que relatam sobre relações raciais.

COR DOS USUÁRIOS QUE RELATAM SOBRE RELAÇÕES RACIAIS		
	N	%
Branco	18	30%
Pretos	20	33%
Pardos	7	12%
Amarelos	0	0%
Indígenas	0	0%
Não se aplica	15	25%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Apesar da baixa porcentagem de usuários que sempre abordam relações raciais (28%) conforme aponta a tabela 11, parte dessas discussões partem de usuários de cor de pele branca (30%) conforme aponta o Gráfico 4.

Gráfico 4: Discussões raciais no ambiente de trabalho X Cor predominante dos usuários



Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

No decorrer deste trabalho não resta dúvidas que o racismo causa desconforto e sofrimento psíquico, e é necessário que psicólogos e pesquisadores chamem a atenção, para as consequências do racismo na saúde mental dos usuários de seus serviços, através da horizontalidade de seu conhecimento sobre o assunto, exigindo de autoridades, organizações, mobilização quanto ao assunto.

Quanto a perceber que existam questões raciais a serem abordadas com os usuários de seus serviços, 15% dos participantes da pesquisa definiram quando o usuário apresenta baixa autoestima, 16% quando apresenta autoimagem distorcida, 18% quando apresenta sentimentos de inferioridade, 26% quando relatam casos de racismo ou injúria racial e 25% quando o usuário do serviço emite algum tipo de comportamento racista. Pode-se observar na tabela 15.

Tabela 15: Questões envolvendo relações raciais.

QUESTÕES ENVOLVENDO RELAÇÕES RACIAIS		
	N	%
Baixa autoestima	27	15%
Autoimagem distorcida	29	16%
Sentimentos de inferioridade	32	18%
Relatos de racismo ou injúria racial	47	26%
Emitem comportamento racista	45	25%
Total	180	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

O psicólogo tem a função de pontuar e explorar a origem do sofrimento do usuário de seu serviço causado pelo racismo. É fundamental, nesse caso, um conteúdo técnico específico para a efetividade do tratamento, atentando-se a não deixar escapar o “não-dito”, porém exposto pelo cliente e percebido pelo psicoterapeuta. O profissional não deve trabalhar apenas questões em que o cliente traz como queixa nomeada por ele como racismo, outras questões, como baixa autoestima, autoimagem distorcida e sentimentos de inferioridade, pode ser sofrimentos oriundos de racismo, em que o usuário não percebeu a origem (DAMASCENO, 2018). Diante disso e da falta de publicações sobre o enfrentamento de comportamentos racistas no ambiente de trabalho do psicólogo, aponta-se esse tema como relevante para novos aprofundamentos teóricos e práticos.

No que relaciona o participante atender clientes da mesma cor da sua pele, 60% responderam que sentem-se confortáveis, 35% indiferentes e 5% deles não souberam responder, conforme aponta tabela 16.

Tabela 16: Como se sentem em relação a mesma cor da pele.

COMO SE SENTE EM RELAÇÃO A MESMA COR DA PELE		
	N	%
Confortável	36	60%
Desconfortável	0	0%
Indiferente	21	35%
Não sei dizer	3	5%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos da pesquisa.

Quando perguntado como se sentiam em relação a cor da pele dos usuários de seus serviços diferente da cor da sua pele, 55% dos participantes, dizem sentir-se confortáveis, 3% desconfortáveis, 35% indiferentes e 7% não souberam dizer. Como pode-se observar na tabela 17.

Tabela 17: Como se sente em relação a cor da pele diferente.

COMO SE SENTE EM RELAÇÃO A COR DA PELE DIFERENTE		
	N	%
Confortável	33	55%
Desconfortável	2	3%
Indiferente	21	35%
Não sei dizer	4	7%
Total	60	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Comparando os dados obtidos na pesquisa em relação a cor de pele dos psicólogos e o sentimento ao atender aos usuários dos seus serviços com a cor da pele diferente, houve um aumento de 3%. O número de psicólogos que sentem-se indiferente se manteve com 35% e os que não souberam dizer aumentou em 2%. O que nos abre uma brecha para questionamentos sobre o que impedem esses psicólogos de atender a uma demanda com a cor de pele diferente da sua confortavelmente.

Damasceno (2018) defende em seu trabalho que nascer em uma sociedade estruturalmente racista, dificulta e chega a impedir que pessoas brancas entendam seu privilégio e realidade de opressão, dificultando o processo de se livrar de preconceitos raciais. Psicólogos, como indivíduos inseridos nessa sociedade, não estão imunes dessa influência sociocultural. Porém tem como responsabilidade profissional, trabalhar seus preconceitos, afim de não prejudicar seus clientes.

Relacionando aos relatos dos usuários dos serviços, quando relatam casos de racismo, 1% deles aparentam estar calmos, 1% confortáveis, 28% desconfortáveis, 24% tristes, 30% aparentam estar indignados, 9% surpresos, e 7% dos participantes não souberam responder. De acordo com tabela 18.

Tabela 18: Clientes em relatos de racismo.

REAÇÃO DOS USUÁRIOS DURANTES RELATOS DE RACISMO		
	N	%
Calmos	2	1%
Confortáveis	1	1%
Desconfortáveis	38	28%
Tristes	33	24%
Indignados	40	30%
Surpresos	12	9%
Não se aplica	9	7%
Total	135	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

No que se refere aos participantes em relatos de racismo apresentados pelos usuários de seus serviços, 5% deles dizem estar calmos, 1% confortáveis, 21% sentem-se desconfortáveis, 27% se dizem tristes, 35% indignados, 5% surpresos e 5% não se aplica. De acordo com tabela 19.

Tabela 19: Profissional em relatos de racismo.

REAÇÃO DO PROFISSIONAL DIANTE DE RELATOS DE RACISMO DOS USUÁRIOS		
	N	%
Calmos	7	5%
Confortáveis	2	1%
Desconfortáveis	28	21%
Tristes	36	27%

Indignados	47	35%
Surpresos	7	5%
Não se aplica	7	5%
Total	134	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

É preocupante o fato de 21% da amostra ainda sentirem-se desconfortáveis e 5% surpresos, quando o assunto racismo é trazido para discussão em seu ambiente de trabalho.

Damasceno (2018) afirma em seus estudos que, em relação aos processos de desenvolvimento da identidade racial saudável, é necessário processar e adequar as experiências raciais anteriores, para o branco abandonar seus privilégios e para o negro transpor o racismo internalizado. Há ainda uma tendência a atitudes e comportamentos, que os usuários trazem para o atendimento psicológico, ligadas a um estado de consciência racial. E como essa tendência é expressada, pode depender de vários fatores, podendo ser a própria atitude e a atitude percebida no psicólogo com quem a relação terapêutica será estabelecida. Helms (1984 apud DAMASCENO, 2018) defende que o mais importante para o processo, talvez não seja o pertencimento grupal, mas sim o grau de desenvolvimento da consciência racial/cultural do cliente e principalmente do profissional de psicologia.

Portanto como o profissional é colocado e é percebido em um atendimento psicológico, é fundamental para uma boa relação terapêutica.

Relacionado a atender a demanda sobre racismo, sem estudo específico do assunto por parte do psicólogo, 27% acreditam que devem sim atender essa demanda, contra 53% dos participantes, que acham que não deveriam atender sem algum tipo de conhecimento sobre o assunto, em quanto 3% deles optaram por talvez, e 17% não souberam responder. De acordo com a tabela 20.

Tabela 20: Atender a demanda sem estudo específico.

ATENDER A DEMANDA SEM ESTUDO ESPECÍFICO		
	N	%
Sim	16	27%
Não	32	53%
Talvez	2	3%
Não sei responder	10	17%

Total	60	100%
-------	----	------

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Muitos dos problemas ocasionados pelo racismo provêm da falta de estudo e informação. O que a pesquisa nos revela é que a maioria dos psicólogos da amostra acredita que não se deve atender a demanda sem estudo específico. Maia, Santos e Santos (2018) defendem que a falta de formação sobre relações étnico-raciais juntamente com a suposta neutralidade sobre o tema, ocasiona uma ausência de repertórios entre psicólogos (as) que pode ser constatada como uma incapacidade de atuação profissional.

Ao justificar esta resposta, alguns psicólogos afirmaram que o estudar o racismo não é mais necessário do que o estudo sobre o sofrimento humano por se tratar de uma causa para este sofrimento, conforme apresenta-se na fala a seguir: “Não vejo o racismo senão como uma causa para um sofrimento psíquico que pode ser sintoma de muitas outras causas semelhantes ou não ao racismo. Portanto, sinceramente, não vejo motivo para a Psicologia lidar com isso de modo tão diferente ou especial” (Participante 21, cor preta).

Diante disso, retoma-se a discussão de Veiga (2019) que afirma que a subjetividade do negro é ignorada por grande parcela da psicologia como um todo, causando efeitos diretos aos pacientes negros, que podem sofrer racismo pelos próprios profissionais, este que deveriam acolhe-los, ao invés de julgar o racismo como uma questão pouco importante a ponto de não ver motivo para “lidar com isso de modo tão diferente e especial” (sic) como mostra o relato acima. Além disso, a fala provém de um psicólogo negro. Esse pensamento, pode caracterizar como uma reação de defesa psíquica que vai contra a ideia de ser associado a algo inferior ou menor que o homem branco, essa defesa vai contra toda violência vivida pelo povo negro ao longo da história (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Podemos fazer uma analogia com a febre, que é facilmente associada a doença, portanto é um sintoma que vem acompanhado com uma forte sensação de ansiedade, que se transforma em sentimento de insegurança quando não se identifica o que está gerando o aumento na temperatura corpórea. A febre tem a função de

alerta, de que alguma coisa pode estar errada. Cabe ao médico uma investigação mais apurada e detectar os agravantes do caso (MURAHOVSKI, 2003).

A psicologia deve estar atenta de modo a perceber à “febre” causada pelo racismo em seu ambiente de trabalho. Os comportamentos que evidenciam baixa autoestima, autoimagem distorcida, sentimentos de inferioridade; relatos de racismo ou injúria racial e conduta de comportamentos racistas, podem ser os alertas dados para um problema ainda maior.

Questionados sobre quais recursos teóricos/técnicos costumam utilizar em seus atendimentos para atender efetivamente pessoas com demandas sobre relações raciais, os participantes da pesquisa se dividiram entre:

- Recursos teóricos, como: Transformação da autoimagem; do autoconceito; reflexão de responsabilidade; livros; artigo; referencias teóricos do Conselho Federal de Psicologia; estudos sobre história do negro.
- Recursos técnicos, como: escuta ativa; acolhimento; história das etnias; flexibilização de crenças; técnicas da TCC, dinâmicas e associação livre.
- Recursos legais, como: resoluções do Conselho Federal de Psicologia e encaminhamentos jurídicos.
- Uso das habilidades interpessoais do terapeuta, definidas como: empatia; liberdade de expressão; consciência do privilégio perante a sociedade; formação crítica e construção de conhecimento.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2017) há caminhos para uma atuação profissional que atue na desconstrução do racismo e na promoção da igualdade. Existe instrumentos e ferramentas que são de cunho básico para a atuação em relações raciais, que possibilita o diagnóstico a discriminação, além de princípios legais e lógicos contra o racismo.

Há uma resolução do CFP, nº18/2002, que prevê que os psicólogos atuem de acordo com os princípios éticos da profissão e que contribuam com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e a eliminação do racismo. E que não sejam

coniventes e nem se omitam perante crimes de racismo, podendo haver quebra do sigilo conforme prevê o Comitê de Ética, ao se tratar de um fato delituoso, onde o conhecimento foi obtido através do exercício da atividade profissional (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2002).

A área de relações raciais dentro da psicologia apresenta-se como uma área emergente que precisa ser mais divulgada entre todos os psicólogos, uma vez que, como apresentado nesta pesquisa, esta temática abrange estruturalmente a atuação de psicólogos independentemente de sua cor ou raça. Encerra-se por aqui as discussões nesta pesquisa sabendo que ainda há muito o que se explorar e reforçando a necessidade da Psicologia se comprometer e atuar com as relações raciais de forma ampla e responsável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi desenvolvido com psicólogos atuantes da profissão dos estados de São Paulo e Minas Gerais, com o objetivo de compreender as vivências e dificuldades na prática profissional perante manifestações de relações raciais apresentadas pelos usuários de seus serviços.

Foi proposto identificar e analisar o conhecimento e preparo do psicólogo para lidar com relações raciais, como ela é relatada por seus clientes e percebidas pelos psicólogos. Foi possível identificar as reações, sentimentos e intervenções dos profissionais diante da demanda apresentada.

Pode-se identificar e analisar a pouca vivência e contato com relações raciais por parte dos participantes da pesquisa, durante a graduação, tanto em sala de aula, com conteúdo voltados para essa temática, quanto na prática de estágios propostos pelas universidades, públicas e privadas. Apesar das relações entre as variáveis, que analisou o tempo de formação e discussões sobre racismo na graduação, apontarem um crescimento da discussão sobre relações raciais nas universidades, ainda é pouco, comparada a grande importância do assunto, no que se refere à saúde psíquica da população negra no país, população que corresponde à maioria no Brasil, sendo 56,2% entre autodeclarados pardos e pretos.

Com isso, pode-se identificar uma falta de preparo dos psicólogos da amostra para lidarem com essa demanda após a formação acadêmica, em sua prática profissional, uma vez que, 75% dos psicólogos que responderam à pesquisa, já vivenciaram ou presenciaram alguma situação de racismo ou injúria racial no ambiente de trabalho, porém, apenas 28% da amostra afirmam terem lidado com essa demanda em seu ambiente de trabalho, talvez pela falta de preparo para enfrentar situações de racismo.

A pesquisa apontou que questões envolvendo racismo são relatadas pelos usuários dos serviços de forma natural durante o serviço prestado, e provocado pelo psicólogo. Surgem envolvendo questões como: baixa autoestima, autoimagem distorcida, sentimentos de inferioridade, através de relatos de racismo ou injúria racial. Apareceu também que alguns usuários dos serviços com comportamentos racistas durante os atendimentos.

Um aspecto que despertou uma preocupação na pesquisa, foi em relação aos sentimentos dos psicólogos frente as demandas raciais apresentadas pelos usuários. A indiferença e o desconforto apareceram nas respostas dos participantes, levantando dúvidas, sobre o que exatamente causaria esses sentimentos. Talvez a falta de conhecimento para lidar como tema? Ou a pouca importância com a demanda apresentada?

Constatou-se uma necessidade de uma avaliação mais qualitativa e de mapear os preconceitos do profissional, e como isso se dá na relação terapêutica. Ao responderem o questionário sobre relações raciais, pode-se perceber uma certa resistência para o assunto, talvez por um desconhecimento sobre questões envolvendo o sofrimento psíquico do negro.

Fica como sugestão aos psicólogos e futuros profissionais da área, que se debrucem sobre a temática, dando a devida importância que o tema merece. Se omitir a estudar e pesquisar sobre relações raciais durante a graduação e depois da conclusão da faculdade, é se omitir em atender devidamente uma grande parcela da população brasileira. É importante fugir um pouco da “prática comum” da profissão, dando abertura ao diálogo com as outras áreas, como saúde, educação, gestão, entre outras adjacentes a psicologia, para que levamos o conhecimento sobre a compreensão do racismo e sua estrutura internalizada, ao máximo de lugares possíveis, com contínuo respeito e seriedade.

Para enxergarmos um futuro justo e de qualidade para a população negra no Brasil, é necessário esforço dobrado através da saúde, educação, gestão, entre outras adjacentes a psicologia, para que levamos o conhecimento sobre a compreensão do racismo e sua estrutura internalizada, além de mobilização coletiva, tanto da população, como dos governantes e dos cientistas/pesquisadores, que são fontes de criação teórico-científica do país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, SILVIO. Racismo Estrutural. 2019.

BRASIL. **Promulgação a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial**. Brasília, DF. Presidência da República, 1969.

BRASIL. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Brasília, DF. Presidência da República, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde (ed.). **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Ministério da Saúde, Brasília, v. 2, p. 1-33, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde (ed.). **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Ministério da Saúde, Brasília, v. 3, p. 1-46, 2017.

CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. **Psicologia em Estudo**, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 1-9, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO).

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RESOLUÇÃO CFP N.º 018/2002. **CFP**, Brasília-DF, 19 de dezembro de 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RELAÇÕES RACIAIS: REFERÊNCIAS TÉCNICAS PARA A ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS (OS)**. **CFP**, Brasília, v. 1, p. 1-144, set. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Saúde mental da população negra importa**. **CFP**, Brasília. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **A Psicologia Brasileira Apresentada em Numeros**. **CFP**, 2020.

CORREA, Ana Paula Araújo; QUEIROZ, Eder; TREVISAN, Newton. **Teste do qui-quadrado**. **Bioestatística**. Universidade Estadual do Paraná, 2018.

DAMASCENO, Marizete Gouveia. **Onde se esconde o racismo na psicologia clínica? A experiência da população negra na invisibilidade do binômio racismo e saúde mental**. **Universidade de Brasília**. Brasília, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Cor e Raça**. 2010

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2019

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação ao branco permanece. **Agência IBGE notícia**, 2019.

IFES- Instituições Federais de Ensino Superior. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES. **Universidade Federal de Uberlândia**, 2019.

IPEA .**Retrato das Desigualdades**: : De Gênero e Classe. **Ipea**, Brasília, v. 3, p. 1-36, 2009.

IPEA .**Retrato das Desigualdades**: : De Gênero e Classe. **Ipea**, Brasília, v. 4, p. 1-42, 2011.

LIMA, Emanuel Fonseca. **Ensaio Sobre Racismos**. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2019.

LOPES, Vera Neusa. Superando Racismo na Escola: Racismo, Preconceito e Discriminação. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, v. 2, p. 185-200, 2005.

LÓPEZ, Laura Cecilia (org.). O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Interface Comunicação Saúde Educação**, São Leopoldo, p. 1-14, 2012.

MÄDER, Bruno Jardim (org.). Psicologia e relações Étnico-Raciais: diálogos sobre o sofrimento psíquico causado pelo racismo. **Conselho Regional de Psicologia do Paraná**, Curitiba, v. 1, p. 1-78, 2016.

MAIA, Rodolfo Luiz Almeida; SANTOS, Alessandro de Oliveira; SANTOS, Marcelo Jardins. As relações étnico-raciais no cotidiano de psicólogos do sistema único de assistência social (suas) da cidade de São Paulo. **Atualidades na investigação em Psicologia e Psicanálise**, 2018.

MATTOS, Camila Carvalho de Souza Amorim; TOURINHO, Francis Solange Vieira. Saúde da População Negra: percepção de residentes e preceptores de Saúde da Família e Medicina de Família e Comunidade. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**. Rio de Janeiro, p.1-12, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINISTERIO DA SAÚDE. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. **Universidade de Brasília**. Brasília 2018.

MORAES, Viviane M; ROSA, Dandara da Silva. Entre a fumaça e as cinzas: estado de maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana. **Problemata: Jornal Internacional de Filosofia**, v. 11. n. 2, 2020.

MURAHOVSKI, Jayme. A criança com febre no consultório. **Jornal de pediatria**. Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 79, 2003.

NUNES, Sylvania da Silveira. RACISMO NO BRASIL: TENTATIVAS DE DISFARCE DE UMA VIOLÊNCIA EXPLÍCITA. **Psicologia Usp**, São Paulo, p. 89-98, 2006.

RIBEIRO, Flávia Gilene. EDUCAÇÃO, DESIGUALDADES RACIAIS E RACISMO INSTITUCIONAL: reflexos na Educação Básica da população negra. **Site Puc Goias**, p. 1-13, 2018.

SANT'ANA, Izabella Mendes. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E DIRETORES. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, p. 227-234, 2005.

SANTOS, Alessandro de Oliveira; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo (as). **Periódicos eletrônicos em Psicologia**, vol.6. Rio de Janeiro, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hidalberto Vieira. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do "Objeto da Ciência" ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 172-185, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 8, n. 20, p. 137-152, abr. 1994. FapUNIFESP (SciELO).

VEIGA, Lucas Motta. Qual a cor da Psicologia no Brasil? **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 9, 2018.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, set. 2019.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, p. 201-218, 2014.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO:

- 1- Qual a sua formação acadêmica? (Cursos de especializações, mestrado, doutorado).
- 2- Há quanto tempo trabalha como psicólogo (a)?
 - Há menos de 5 anos
 - Entre 5 e 10 anos
 - Entre 10 e 20 anos
 - Há mais de 20 anos
- 3- Qual a sua idade?
- 4- Qual gênero você se identifica?
 - Masculino
 - Feminino
 - Prefiro não dizer
- 5- Qual a sua cor?
 - Branca
 - Preta
 - Parda
 - Amarela
 - Indígena
 - Não sei dizer
- 6- Você já vivenciou/presenciou situação de racismo ou injúria racial?
 - Sim
 - Não
 - Talvez
- 7- Relações raciais são abordadas no seu ambiente de trabalho?
 - Sempre

- Nunca
 - Às vezes
- 8- Se sim, como são inicialmente abordadas as relações raciais em seu ambiente de trabalho?
- Ocorre de forma natural através dos relatos dos usuários dos meus serviços
 - Eu costumo provocar que os usuários dos meus serviços pensem sobre o tema
 - Depende do contexto
 - Não abordo esse tipo de assunto no meu trabalho
- 9- Em sua pratica profissional, qual a predominância da cor da pele dos usuários de seus serviços?
- Branca
 - Preta
 - Parda
 - Amarela
 - Indígena
 - Não sei dizer
- 10- Qual a cor predominante dos usuários dos seus serviços com os quais você aborda relações raciais?
- Branca
 - Preta
 - Parda
 - Amarela
 - Indígena
 - Não se aplica
- 11- Como você percebe que existe questões raciais a serem abordadas com os usuários dos seus serviços? (Responda quantas quiser).
- Quando o usuário apresenta baixa autoestima
 - Quando o usuário apresenta autoimagem distorcida
 - Quando o usuário relata casos de racismo ou injúria racial

- Quando o usuário emite um comportamento de racismo ou injúria racial
- Quando o usuário apresenta sentimento de inferioridade
- Outros

12-Como você se sente atendendo clientes da mesma cor da sua pele?

- Confortável
- Desconfortável
- Indiferente
- Não sei dizer
- Outros

13-Como você se sente atendendo clientes da cor da pele diferente da sua?

- Confortável
- Desconfortável
- Indiferente
- Não sei dizer
- Outros

14-Quando ocorre relatos de racismo, como seus clientes aparentam estar?

(Responda quantas quiser).

- Calmos
- Confortáveis
- Desconfortáveis
- Tristes
- Indignados
- Surpresos
- Não se aplica

15-Quais são os seus sentimentos frente aos relatos de racismo abordados pelos usuários dos seus serviços? (Responda quantas quiser).

- Calmo (a)
- Confortável
- Desconfortável
- Triste

- Indignado (a)
- Surpreso (a)
- Indiferente
- Nunca aconteceu comigo

16-Quais recursos teóricos/técnicos você costuma utilizar em seus atendimentos para atender efetivamente pessoas com demandas sobre relações raciais?

17-Que tipo de instituição você se formou em Psicologia?

- Universidade Pública
- Universidade Privada

18-Durante sua formação acadêmica, houve discussões sobre relações raciais?

- Sempre
- Nunca
- Às vezes

19-Se houve discussões sobre o tema, em quais disciplinas foram?

20-A universidade possibilitou experiências para atuar com relações raciais durante os estágios no período de graduação?

- Sim
- Não

21-Você acredita que com apenas a graduação, profissionais de psicologia tem domínio sobre relações raciais para trabalharem com essa demanda?

- Sim
- Não
- Talvez

22-Na sua opinião, psicólogos que não estudaram/estudam relações raciais deveriam atender casos sobre essa demanda?

- Sim, não vejo nenhum problema

- Não, acho que deveriam se aprofundar mais sobre o assunto
- Não sei responder

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa **“RELAÇÕES RACIAIS E A PRÁTICA PROFISSIONAL: a percepção de psicólogos sobre sua atuação em relações raciais”**, sob a responsabilidade do pesquisador Monique Marques da Costa Godoy. Nesta pesquisa pretendemos “Compreender vivências e dificuldades de psicólogos (as) perante manifestações das relações raciais por clientes usuários de seus serviços” por meio de um questionário online para os participantes da amostra.

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em benefícios indiretos, pois o sr.(a) estará contribuindo para os conhecimentos da Psicologia sobre o tema, podendo contribuir para saúde emocional das diversas populações raciais e os riscos consistem em riscos mínimos, incluindo desconforto emocional. Entretanto para evitar que ocorram danos todos os participantes poderão ser encaminhados para o Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de Taubaté ou para atendimento com a pesquisadora responsável sem custos. Caso haja algum dano ao participante será garantido aos mesmos procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, pois a coleta de dados será por meio eletrônico ou o aluno pesquisador irá ao encontro do participante, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (12) 99199-8898 (inclusive ligações a cobrar) ou pelo e-mail profamoniquegodoy@gmail.com

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.

Rubricas: pesquisador responsável _____

Monique Marques da Costa Godoy
Pesquisadora responsável

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“RELAÇÕES RACIAIS E A PRÁTICA PROFISSIONAL: a percepção de psicólogos sobre sua atuação em relações raciais”** de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) participante

ANEXO B- PARECER CONSUBSTANCIAL DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RELAÇÕES RACIAIS E A PRÁTICA CLÍNICA: a atuação do psicólogo clínico em relações raciais apresentadas por pacientes

Pesquisador: Monique Marques da Costa Godoy

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31242720.5.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.075.551

Apresentação do Projeto:

O projeto já foi devidamente apresentado

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo já foi exposto

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Devidamente apresentado

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O termo faltante já foi apresentado

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O termo foi apresentado satisfatoriamente

Recomendações:

aprovado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

o termo de compromisso foi anexado e devidamente assinado pelo pesquisador responsável

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 05/06/2020, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep@unitau.br



Continuação do Parecer: 4.075.551

Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1546214.pdf	25/05/2020 22:38:36		Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_matheus.pdf	25/05/2020 22:38:22	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	25/05/2020 22:35:10	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_TG_MATHEUS_2.pdf	25/05/2020 22:35:02	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Parecer Anterior	PARECER_MATHEUS.pdf	25/05/2020 22:34:45	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Folha de Rosto	folhaDerosto_matheus.pdf	27/04/2020 14:54:40	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_matheus.pdf	27/04/2020 14:54:35	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	26/04/2020 22:03:29	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	26/04/2020 22:03:19	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	26/04/2020 22:03:05	Monique Marques da Costa Godoy	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 08 de Junho de 2020

Assinado por:
Wendry Maria Paixão Pereira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro CEP: 12.020-040
UF: SP Município: TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cep@unitau.br